

CARTILHA

DAS JUVENTUDES & SAÚDE LGBTQIAPN+ EM ALAGOAS



AJF

AGENDA JOVEM FIOCRUZ



FIOCRUZ

GEPHGS

Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade



AJF

AGENDA JOVEM FIOCRUZ



FIOCRUZ

GEPHGS

Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade



Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração dos/as/es jovens LGBTQIAPN+ de Alagoas, que aceitaram compartilhar conosco suas experiências, afetos e lutas por políticas públicas de saúde efetivas, igualitárias e humanizadas.

Dedicamos esta Cartilha a eles/as/us.

Maceió, Alagoas, março de 2024.

SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO

9 LGBTQIAPN+: MAIS DO QUE UMA SIGLA:
A VISIBILIDADE DA DIGNIDADE!

10 DE JOVEM PRA JOVEM: CONHEÇA
NOSSOS/AS/ES JOVENS PESQUISADORES/AS

11 O ROLÊ DAS IDENTIDADES: SE INFORMAR
DIREITINHO, TODO MUNDO SE RESPEITA!

12 BORA ENTENDER: LES(BI)ANIDADES

13 BORA ENTENDER: GAY? BI? BIXA?

14 BORA ENTENDER: IDENTIDADES
TRAVESTIGÊNERE

16 A DIVERSIDADES DA SIGLA

17 CONTEXTUALIZAR PARA SE FAZER ENXERGAR:
JUVENTUDES, PRESENTE!

19 POEMA: VERÔNICA

20 LINHA DA DIGNIDADE



- 24** POEMA: A GENTE SE AJEITA
- 25** CLOSE DO CORRE: RODAS DE CONVERSA
- 29** A GENTE QUER FALAR!
- 34** BORA, ANOTE AÍ: DEMANDAS DAS JUVENTUDES LGBTQIAPN+ DE ALAGOAS
- 39** LGBTQIAPN+FOBIA E ACESSO À SAÚDE
- 41** MÚSICA: MENINOS E MENINAS
- 42** OS IMPACTOS DA LGBTQIAPN+FOBIA NA SAÚDE MENTAL
- 44** FICHA TÉCNICA: CONHEÇA A EQUIPE
- 46** FICHA TÉCNICA DA CARTILHA
- 47** REFERÊNCIAS



APRESENTAÇÃO

O que pensam os/as jovens LGBTQIAPN+ de Alagoas sobre a saúde? Quais são as políticas públicas de saúde existentes no Estado que atendem às suas demandas? Os/as profissionais e gestores/as que atuam no campo da saúde pública estão preparados/as para lidar com as particularidades da população jovem LGBTQIAPN+?

Essas foram algumas questões que nortearam o projeto “Juventudes e Saúde LGBTQIAPN+ em Alagoas”, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/Agenda Jovem Fiocruz (AJF), em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL)/Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS).

Entre maio de 2023 e fevereiro de 2024, foram realizadas, em Maceió/AL, quatro rodas de conversas, mediadas e protagonizadas por jovens gays, lésbicas, bissexuais, travestis, pessoas trans e não-binárias. As juventudes foram compreendidas nas suas dimensões histórica, múltipla e diversa como consta no Termo de Referência da Agenda Jovem Fiocruz. Suas narrativas foram atravessadas por interseccionalidades de gênero, raça, classe, sexualidade, território, trabalho e geração, que **revelaram violências, angústias, adoecimentos, curas, sonhos, esperanças e reivindicações.**

Esta Cartilha é fruto do trabalho coletivo desenvolvido durante esse processo. Nosso objetivo é partilhar as experiências compartilhadas, os diagnósticos observados e as demandas surgidas no diálogo com as juventudes LGBTQIAPN+. **Ela também se apresenta como instrumento de letramento sobre gênero e sexualidade não apenas para jovens, mas também para gestores/as e profissionais da saúde, educadores/as e familiares.**

Assim como o projeto, a cartilha se propõe a colaborar com a construção de políticas de saúde para população jovem LGBTQIAPN+. Nesse sentido, ela se soma às “Proposições para a saúde de jovens LGBTQIAPN+ em Alagoas”, **elaboradas em diálogo com as demandas de jovens participantes** do projeto.

As reflexões sobre a saúde das juventudes LGBTQIAPN+ lançam olhares críticos acerca das desigualdades de gênero, raça, classe, sexualidade, território, trabalho e geração que estruturam a sociedade alagoana. Por um lado, elas revelam que **as dificuldades, as inexistências e as limitações das políticas públicas de saúde voltadas para jovens LGBTQIAPN+ no estado são efeitos e indícios de uma LGBTQIAPN+fobia estruturante e institucional**, por outro, **inserem a saúde das juventudes LGBTQIAPN+ em um campo amplo de lutas contemporâneas por direito à cidadania, à dignidade e ao reconhecimento.**

Boa leitura!

A VISIBILIDADE DA DIGNIDADE!

Com quantas letras se faz uma existência digna? A sigla LGBTQIAPN+ é utilizada para se referir às pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexos, assexuais, panssexuais e pessoas não-binárias. O sinal +, por sua vez, representa as pessoas não contempladas pelas atuais identidades de gênero e orientações sexuais. Em constante transformação, disputa e ressignificação, a sigla é um marco das lutas históricas promovidas pelas pessoas que transgridem as normas da cisheteronormatividade. Tão dinâmica e diversa quanto a própria juventude, nesta Cartilha ela é (re)definida a partir das apropriações dos/das jovens participantes do projeto.



DE JOVEM PRA JOVEM!

CONHEÇA NOSSOS/AS JOVENS PÉSQUISADORES/AS



STELLA ÍRIS

Mulher trans, graduanda em Relações Públicas na Universidade Federal de Alagoas - UFAL e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade - GEPHGS/UFAL.



HARMIE SILVA

Negro, trans não-binário, graduando em História na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade - GEPHGS/UFAL, da Rede de Historiadorxs Negrxs e candomblecista.



PAULO ARAÚJO

Bissexual, graduando em História na Universidade Federal de Alagoas - UFAL e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade - GEPHGS/UFAL.



JULY ANA

Mulher cis, branca, nordestina, lésbica, feminista, historiadora e professora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade - GEPHGS/UFAL.

O ROLÊ DAS IDENTIDADES

**SE INFORMAR DIREITINHO,
TODO MUNDO SE RESPEITA!**

IDENTIDADE DE GÊNERO:

Termo utilizado para se referir ao modo pelo qual as pessoas se identificam/afirmam suas identidades dentro e para além das performances de gênero construídas culturalmente. Ele contempla as mulheres e homens cis, as mulheres e homens trans, travestis, pessoas não-binárias, transmaculindades, transfeminilidades e demais possibilidades.

ORIENTAÇÃO SEXUAL:

Termo surgido no campo das ciências biomédicas e ressignificado pelos movimentos LGBTQIAPN+, como forma de demonstrar que o desejo afetivo e sexual não se trata simplesmente de "preferência" ou "opção sexual". Ele contempla as orientações heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, pansexual e demais possibilidades.

LES(BI)ANIDADES!

BORA ENTENDER

LÉSBICA: identidade política adotada pelas mulheridades (cis, trans e transfemininas), que se relacionam de forma afetivo-sexual com outras mulheridades.

MULHERIDADES BISEXUAIS: identidade política adotada por mulheridades (cis, trans e transfemininas), que se relacionam de forma afetivo-sexual com todos os gêneros.

I ♥
SAPATÃO!



GAY? BI? BIXA? ✨

BORA ENTENDER

GAY: identidade política adotada por homens (cis, trans e transmasculinos), que se relacionam de forma afetivo-sexual com outros homens.

BIXA: termo que surge como forma de agredir verbalmente homens que fogem da cisheteronorma. É subvertido e ressignificado como uma identidade sexual, podendo aparecer também como sinônimo de gay. O termo significa ainda uma performance de gênero feminina.

BISSEXUALIDADE MASCULINA: identidade política adotada por homens (cis, trans e transmasculinos), que se relacionam de forma afetivo-sexual com todos os gêneros.



I ♥ (BI)XA

IDENTIDADES TRANSVESTIGÊNERE

BORA ENTENDER

PESSOA TRANS: pessoa que não se identifica com o gênero imposto no nascimento, tendo em vista que gênero é uma construção social e não determinação biológica.

MULHER TRANS: pessoa à qual foi atribuído o sexo masculino ao nascer, mas cuja identidade de gênero é feminina.

HOMEM TRANS: pessoa à qual foi atribuído o sexo feminino ao nascer, mas cuja identidade de gênero é masculina.

TRAVESTI: identidade de gênero latino-americana, adotada politicamente por pessoas que foram designadas como sendo do gênero masculino ao nascer, porém se identificam com o gênero feminino.



IDENTIDADES TRANSGÊNERO

BORA ENTENDER

PESSOA NÃO-BINÁRIA: pessoa que não se reconhece exclusivamente com o gênero masculino ou feminino.

TRANSFEMINILIDADE: termo que abrange pessoas trans cujas identidades são femininas, mas que não necessariamente se consideram mulheres.

TRANSMASCULINIDADE: termo que abrange pessoas trans cujas identidades de gênero são masculinas, mas que não necessariamente se consideram homens.



BORA ENTENDER?

A DIVERSIDADE DA SIGLA

INTERSEXO: pessoas que nascem com características sexuais (genitais, padrões cromossômicos e glândulas), que não se encaixam na binaridade sexual.

QUEER: termo que em inglês significa bizarro/estranho. Ao ser apropriado politicamente, é usado para representar as pessoas que não se identificam com padrões binários do sexo e gênero impostos pela cisheteronorma.

PANSEXUAL: pessoa que se relaciona com outras pessoas, independentemente da identidade de gênero e/ou orientação sexual.

ASSEXUAL: pessoa com orientação sexual marcada pela pouca e/ou nenhuma prática/atração sexual.



CONTEXTUALIZAR PARA SE FAZER ENXERGAR!

JUVENTUDES, PRESENTE!

O ESTATUTO DA JUVENTUDE COMPLETOU 10 ANOS!

(Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013)

Tem sido o principal documento para a defesa dos direitos das juventudes do Brasil e subsídio para a implementação das políticas públicas de saúde para essa população.

MAS A QUEM ELE CONSIDERA COMO JOVENS?

Pessoas com idades entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. (Art. 1. § 1).

SABIA QUE ELE GARANTE DIREITO À DIVERSIDADE E À IGUALDADE?

Art. 17. O jovem tem direito à diversidade e à igualdade de direitos e de oportunidades e não será discriminado por motivo de: I – etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo; II – orientação sexual, idioma ou religião; III – opinião, deficiência e condição social ou econômica.

JUVENTUDES, SOMOS MÚLTIPLOS/AS/ES!

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem 48,9 milhões de jovens no Brasil (IBGE, 2022).

EXPECTATIVA CISHETERONORMATIVA X REALIDADE DIVERSIDADE

Em 2022, o IBGE divulgou o primeiro levantamento sobre homossexuais e bissexuais no país, e, pelas estimativas, 2,9 milhões de pessoas se declaram lésbicas, gays ou bissexuais, e 100 mil alegam ter outras orientações. Acredita-se que este número seja subestimado, uma vez que as identidades transvestigêneres foram desconsideradas.

É BABADO, VÍUI

Em 2018, Pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Universidade de São Paulo (USP), já haviam realizado levantamento, publicado na revista científica Nature Scientific Reports, que calcula que cerca de **20 milhões de brasileiros são LGBTQIAPN+**. Foi a primeira vez que um levantamento como este é feito em um país latino-americano (Sci Rep, 12, 11176, 2022).

VERÔNICA



Pedaços de jornais espalhados pelo chão
Sinto às minhas lágrimas escorrendo
sobre a minha face

O retrato de uma mulher negra
Rosto deformado pelos bons costumes
Seios à mostra e cabelos cortados
À força

Entre quatro paredes ao céu aberto
Diante dos olhos da lei
O desejo de contemplação
Os caçadores exibindo a caça
Abatida

Marcada a chutes
Socos e coronhadas
Exposta fostes
Verônica



HARMIE SILVA

LINHA DA DIGNIDADE

1987

Lançamento do “Programa Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids”, vinculado ao Ministério da Saúde.

2004

Lançamento do programa “Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra a População GLTB e a Promoção da Cidadania de Homossexuais”.

1990

Retirada da homossexualidade da Classificação Estatística de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

2007

O relatório final da 13ª Conferência Nacional de Saúde trouxe, pela primeira vez, recomendações próprias voltadas a pessoas LGBTQIAP+. Nele se reforçava o acesso equânime, respeitoso e de qualidade pelo SUS; a sensibilização dos/as profissionais de saúde sobre os direitos desse público; a implantação de grupos de promoção à saúde; um protocolo de atenção contra a violência; e até a sugestão para que fosse revogada a proibição de doação de sangue por pessoas dessa comunidade.

2008

Inclusão da realização da cirurgia de redesignação sexual para mulheres trans na rede pública de algumas capitais do país.

Aprovação pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) da “Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”, publicada pela Portaria nº 2.836/2011.

Anuncio da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Ela tem como objetivo expandir a assistência, acabar com a discriminação e tornar o sistema de saúde mais inclusivo, criando ações de promoção e vigilância em saúde, educação popular sobre cuidados com a comunidade e monitoramento das iniciativas desenvolvidas.

Objetivo da política:

"Promover a saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, eliminando a discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuindo para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo." (BRASIL, 2013, p.18).

IMPORTANTE: garantiu o uso e respeito ao nome social das travestis e dos(as) transexuais, ou seja, aquele pelo qual transexuais e travestis preferem ser chamados(as), em contraposição ao nome do registro civil, que não corresponde ao gênero com o qual se identificam. O uso do nome social nos serviços de saúde é garantido pela Portaria nº 1.820/2009.

2019

Retirada da transexualidade da lista de doenças mentais e comportamentais na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11), pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Decisão entrou em vigor em 2022.

2023

Criação da Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDH).





A GENTE SE AJETTA

No tempo se deita
O mundo é de dor
Mas somos quentes e colorido.
O ser e imperfeito
Mas teu ser é mais que perfeito
Nos teus lábios me encaixo
E eu nem disse quais são.
Mulher eu te amo
Te encanto e te canto
Aos céus, aos ventos
Essa linda canção.

SAMANTHA DE ARAÚJO E
JULLY ANA MARTIRIO

I ♥
SAPATÃO!

CLOSE DO CORRE

RODAS DE CONVERSA



LESBIANIDADES E SAÚDE PARA JOVENS LÉSBICAS EM MACEIÓ



**JUVENTUDES BIXAS, GAYS,
BISSEXUAIS E SAÚDE**



TRANSFORMANDO O SISTEMA: JUVENTUDE TRANS E SAÚDE



CONSTRUINDO NARRATIVAS: JUVENTUDES E SAÚDE LGBTQIAPN+ EM ALAGOAS

A GENTE QUER FALAR!

MULHERIDADES LÉSBICAS E BISSEXUAIS

“Quando fui à ginecologista, eu não me senti à vontade, não conseguia falar que eu queria fazer esses exames para entender se minha saúde estava bem. Porque penso em engravidar, mas não da forma que ela acredita que é, porque nem isso é falado. **Não existe saúde para a mulher lésbica e elas não podem definir, é como se esses sistemas políticos também silenciassem a gente nesse sentido.** Para mim, saúde é uma espécie de autocuidado, um direito nosso”.

(Jovem lésbica, 28 anos).

“(…) tenho dificuldade de fazer um exame cardíaco porque **a pessoa vai dizer para tirar a blusa e sinto receio de ser um homem ou perguntarem qualquer coisa. Isso desencadeia uma série de outros silenciamentos e outras agressões enquanto mulher lésbica** em outras áreas da saúde. Vocês sentem isso também?”

(Jovem lésbica).

“Chegar a um médico e até a uma médica às vezes, quando vou doar sangue não digo que sou sapatão, que me relaciono com mulheres, porque tenho medo de eles inventarem qualquer desculpa e dizerem que não posso doar sangue. [...] **Só por ser mulher a gente já sofre tanto preconceito, imagine ser mulher, preta, favelada, lésbica**”

(Jovem lésbica).

A GENTE QUER FALAR!

GAYS, BIXAS E BISSEXUALIDADE MASCULINA

“Fiquei de queixo caído quando falo de Prep e perguntam o que é isso. Gente, a desinformação é muito grande. Uma vez precisei usar o Prep, botei na bolsa, aí cheguei no meu local de trabalho, uma pessoa olhou na minha cara e perguntou o que era. **Falei que era Prep, o medicamento que estava tomando. Isso serve para quê? Eu olhei assim, mas ia explicar e ela - Quem deve tomar isso são pessoas que trabalham com prostituição** [risos]. Eu disse - sério isso?”

(Jovem gay, 28 anos).

“No caráter de saúde mental, eu entrei muito cedo para buscar via SUS, porque **eu era criança viada em Arapiraca e tímida (...). Antes mesmo de eu saber o que era sexualidade, os psiquiatras e psicólogos já disseram.** E foi um processo bastante violento, inclusive de introdução medicamentosa muito cedo. Um ponto-chave para mim é essa questão da saúde mental, porque **hoje, por exemplo, eu não consigo ter confiança de ir para médico na maioria das vezes. Porque tenho medo de como vou ser tratado e** isso é gerado por traumas relacionados a essa questão”.

(Jovem bi, 26 anos).

“**Até hoje, como homem gay, as coisas que busquei são sempre uma luta. É sempre assim, nunca nos é dado, você tem que ir lá insistir e** passar por esse processo violento, por constrangimento, pelo que entendo, no meu ponto de vista”

(Jovem gay, 23 anos).

A GENTE QUER FALAR!

GAYS, BIXAS E BISSEXUALIDADE MASCULINA

“(…) sou quilombola e a primeira vez que fiquei exposto foi quando fiz o teste. Gente, também eu nem me conhecia, não sabia se era bi ou o que queria ser. Estava uma bagunça na minha cabeça, então, para alguém que não tinha ninguém, que veio do mato, fui no postinho perto da Ufal. Cheguei lá para fazer o exame, quando terminou, a psicóloga foi me aconselhar e simplesmente disse - não basta você se prevenir, todos os seus parceiros têm que se prevenir também. Eu disse - não entendi. E ela - **você é gay, quantos parceiros você tem? Eu disse - não sou gay, não sei o que eu sou**, mas posso ser bissexual”.

(Jovem bi, 21 anos).

“(…) há um tempo tentei doar sangue e passei por situação parecida. Fui perguntado sobre minha sexualidade, se eu tinha parceiro ou parceira, enfim. Não aceitaram nem retirar e fui super mal atendido mesmo. Sabe? Eu estava indo para ajudar um amigo que estava no hospital. Além dessa situação, **houve um momento na minha vida que fui acessar um hospital, fazer exames. Eu ainda morava com meus pais e a médica simplesmente olhou para mim, sem motivo nenhum, perguntou se eu era homossexual**”.

(Jovem bi, 28 anos).

“Falaram em muitas demandas relacionadas à saúde sexual, mas **muitas das necessidades sexuais passam pelo crivo da saúde mental. Acho que a maioria dos nossos conflitos relativos à saúde orgânica, física, passa pela saúde mental. É muito importante conversar**”.

(Jovem gay, 24 anos).

A GENTE QUER FALAR!

TRANSVESTIGÊNERE

“Eu vim de uma família católica e evangélica. **“Ah, então você quer ser mulher agora? Então tem que ser perfeita.”**

(...) Eu precisava ser magra, bonita, alta, bem-feita, maquiada. Não é assim, é algo que você escolheu, então você tem que ser perfeita. Isso atinge a saúde em tantos âmbitos diferentes, atinge nossa capacidade mental de conseguir passar por esses processos de preconceito”.

(Jovem mulher trans, 19 anos).

“A saúde não é só física, é principalmente social. **A gente vai para uma UPA, um hospital, mas não somos vistos nem tratados como seres humanos. Não somos respeitados, então falta essa questão de entender e pegar nossa identidade, nossas necessidades, essa questão social.** As pessoas trans não frequentam esses lugares justamente por não se sentirem à vontade, por não se sentirem bem representados ali, nem confortáveis. Principalmente, essa questão social, que acaba afetando o mental e pegando o físico também”

(Jovem mulher trans, 21 anos).

“Quando a gente tem acesso a esse processo transexualizador, não é o que a gente imagina. A gente vai imaginar que vai ter ali um psicólogo atento e esperto às suas demandas, que vai ter ali um endocrinologista que consegue atender da forma que você precisa, mas na realidade, **quando a gente tem acesso, parece um monte de profissional mal pago que está ali na força do ódio e atende a gente como se fosse apenas mais um.**” (Jovem mulher trans, 25 anos).

A GENTE QUER FALAR!

TRANSVESTIGÊNERE

“(...) para mim saúde é cura, também vem a dignidade, mas para se curar, a gente precisa curar a sociedade também. É muito cansativo, porque a todo momento somos nós que temos de fazer esse movimento. Parece que está engasgado aqui tudo, a gente vive numa exaustão, porque o adoecimento é estrutural. (...) A gente não tem estabilidade financeira, como a gente tem saúde se não consegue se alimentar?”

(Jovem não-binária, 27 anos).

“Como sou um LGBT comunista, acredito que saúde perpassa todas as condições de vida necessárias para nos mantermos vivos e vivas. Então, para a gente ter saúde enquanto LGBT, a reforma agrária precisa existir, a educação pública gratuita e de qualidade tem que existir, a gente tem que ter segurança, nossas cotas dentro da universidade.”

(Jovem Não-binário, 29 anos).

“Se a gente for em qualquer lugar da saúde agora, não vai ter pessoas trans lá, porque a gente não é bem recebida lá, não é um espaço feito para a gente mesmo. Fora toda a negligência. Não sei quem falou, mas te colocam em um pacotinho de pessoas trans e todos sofrem as mesmas dores, tem necessidade de uma fono. (...) Temos corpos diferentes, somos pessoas diferentes.”

(Jovem mulher trans, 21 anos).

JUVENTUDES LÉS(BI)CAS E SAÚDE

- 1** - Formação continuada para profissionais da saúde, que visem combater as violências enfrentadas pelas mulheridades lésbicas e bissexuais;
- 2** - Inclusão das mulheridades lésbicas e bissexuais nas campanhas “Agosto Lilás”, “Outubro Rosa”, “Setembro Amarelo”;
- 3** - Criação de cartilhas e outros materiais informativo-pedagógicos sobre a saúde, tratamento e prevenção de ISTs das mulheridades lésbicas e bissexuais;
- 4** - Regulamentação obrigatória da visibilidade lésBica em todos os níveis que envolvem a saúde física e psicológica;
- 5** - Criação de grupos e espaços que trabalhem a autoconsciência do que é ser lésbica e bissexual;
- 6** - Visibilidade das mulheridades lésbicas e bissexuais nas políticas de saúde e nos protocolos de atendimento;
- 7** - Criação de protocolos para atendimento emergencial de mulheridades lésbicas e bissexuais vítimas de lesbifobia.

JUVENTUDES BIXAS, GAYS, BISSEXUAIS E SAÚDE

- 1** - Promoção de campanhas específicas para saúde que se comuniquem com as juventudes;
- 2** - Difusão de serviços existentes como a distribuição gratuita da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), o acesso a Profilaxia Pós-Exposição de Risco (PEP), tratamento e prevenção de ISTs;
- 3** - Formação profissional continuada, a partir de uma construção coletiva junto aos jovens, gays, bixas e bissexuais, a fim de prevenir a violência no acesso às políticas de saúde pública;
- 4** - Ampliação e construção de políticas públicas de saúde que assegurem aos jovens o tratamento e acompanhamento psicoterápico e psiquiátrico, efetivando a gratuidade de medicamentos, caso seja necessário;
- 5** - Criação de campanhas coletivas formuladas junto às pessoas vivendo com HIV, que visem desconstruir os estigmas que permanecem associando as identidades gays, bixas e homens bissexuais ao HIV.

JUVENTUDES TRANS E SAÚDE

- 1** - Capacitação profissional para técnicos e gestores, com treinamento adequado para atender as particularidades da população trans, promovendo a criação de ambientes de saúde inclusivos e seguros;
- 2** - Garantia de transporte para facilitar o acesso aos equipamentos de saúde;
- 3** - Implementação de mecanismos de monitoramento e avaliação para acompanhar as políticas de saúde que atendem a comunidade trans;
- 4** - Efetivação do ambulatório de saúde Integral da população de travestis e pessoas trans de modo a garantir cirurgias e hormonoterapia com a finalidade de reparar as disforias de gênero;
- 5** - Realizar a coleta de dados sobre o acesso à saúde pela população trans, a fim de orientar a elaboração de políticas e práticas de saúde;
- 6** - Atualizar os protocolos de transição de gênero [2008/2020], em diálogo com as demandas das pessoas trans e não-binárias.

JUVENTUDES E SAÚDE DE TODES

1 - Definição da obrigatoriedade e destaque para o preenchimento do campo de registro de orientação sexual e identidade de gênero no cadastro individual de Coleta de Dados Simplificada (CDS) do e-SUS da atenção Primária e no módulo do Cidadão - Prontuário Eletrônico do Cidadão (PEC);

2 - Implementação de um protocolo padrão e de estratégias de formação para atuação dos profissionais das unidades de saúde para o acolhimento de pessoas LGBTQIAPN+, com orientação de reconhecimento da identidade de gênero e orientação sexual do usuário;

3 - Garantia de visibilidade e inclusão dos Jovens LGBTQIAPN+ com deficiência através de políticas públicas de saúde que levem em consideração a tradução de materiais informativos para o sistema de escrita tátil, braile, e audiodescrição, bem como diretrizes que orientem à acessibilidade aos espaços de convivências e equipamentos de saúde;

4 - Implementação da padronização do uso da sigla LGBTQIAPN+ pelos órgãos governamentais e instituições públicas a estes associados, nas esferas municipais, estaduais e federais, a fim de garantir a inclusão de todes nas políticas públicas de saúde e assistenciais voltadas às pessoas LGBTQIAPN+;

5 - Implementação de um Centro de Referência LGBTQIAPN+ na cidade de Maceió/AL, que possa atender às demandas dos jovens LGBTQIAPN+ dos territórios periféricos, garantindo o acesso à cena central da cidade e aos seus espaços, servindo como lugar de promoção de saúde a partir da convivência, produção e expressão cultural e formação para jovens LGBTQIAPN+, bem como para os diversos profissionais que trabalhem com o acolhimento e atendimento dos jovens LGBTQIAPN+ em Alagoas.

LGBTQIAPN+FOBIA

E ACESSO À SAÚDE

A violência contra as pessoas LGBTQIAPN+ se estrutura e se manifesta de múltiplas formas na sociedade brasileira, transcendendo os casos mais evidentes e divulgados sobre assassinatos e agressões físicas. Embora esses atos sejam alarmantes, a violência contra gays, lésbicas, travestis, pessoas trans, bis, queer, intersexo se manifestam em práticas naturalizadas no cotidiano, sendo a negação de direitos fundamentais e a falta/limitação de políticas públicas de saúde, algumas delas.

Durante a nossa pesquisa, a LGBTQIAPN+fobia foi identificada nas narrativas dos/as/es jovens sobre a falta de acesso à serviços médicos adequados e à profissionais treinados, aparecendo ainda nos relatos sobre a inexistência de determinados tratamentos e/ou procedimentos com base na identidade de gênero e/ou orientação sexual, dentre outros.



A precarização e a inexistência/limitação de políticas públicas voltadas para jovens LGBTQIAPN+ no Brasil, contudo, não se revela somente nas dificuldade/inexistência de acesso aos espaços, informações, prevenções, tratamentos e medicamentos, mas, sobretudo, na negação da humanidade das pessoas LGBTQIAPN+, sendo essa a sua dimensão mais violenta.

Segundo dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, Maceió registrou mais de 7.500 casos de violência contra pessoas LGBTQIAPN+ no 1º semestre de 2023, sendo 1.219 denúncias registradas entre o período de janeiro a junho de 2023 (Fonte: Tribuna Hoje, 27 de Junho de 2023).



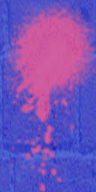


(...) MAS MEU CORAÇÃO
É GRANDE E CABEM

TODOS OS

MENINOS E AS MENINAS

QUE JÁ AMEI



JÃO - MENINOS E MENINAS

OS IMPACTOS DA LGBTQIAPN+FOBIA NA SAÚDE MENTAL

As manifestações da LGBTQIAPN+fobia enraizadas na estrutura social, desde as mais sutis, como vícios de linguagem, passando pelas violências claras, como constrangimentos públicos, bullying, agressões verbais, até as mais graves, como agressões físicas e o alto índice de assassinatos das pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, são causas diretas de uma elevada prevalência de adoecimento mental na população LGBTQIAPN+.

Adultos que se identificam como LGBTQIAPN+ têm mais que o dobro de chances de experimentar uma condição de saúde mental instável em comparação com adultos heterossexuais. Pessoas trans têm 4 vezes mais chances de vivenciar uma condição de saúde mental precária em comparação com pessoas cis (Fonte: National Alliance on Mental Illnes).

O Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo. Mas também é o país onde 2 em cada 10 cidadãos acham que homossexualidade é doença. Nesse grupo, 4 em cada 10 acreditam que a homossexualidade pode ser curada. (Fonte: Saúde LGBTQIA+: Práticas de cuidado transdisciplinar, 2021).

LGBTQIAPN+ NÃO PRECISAM DE CURA! PRECISAM DE RESPEITO!

Não se cura o que não é doença. No Brasil, métodos de reversão de orientação sexual são proibidos pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) desde 1999. A psicologia não permite que se faça uso dessas práticas que comprovadamente têm promovido muito mais sofrimento, dor e exclusão.

O CFP determina que profissionais de psicologia deverão atuar pautados pelos princípios éticos da profissão, sem preconceito ou discriminação, de modo a contribuir com a reflexão para a eliminação das estigmatizações das pessoas que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas (Resolução do CFP nº 1, de 22 de março de 1999). Contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão voltada à eliminação da transfobia e do preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis (Resolução do CFP nº 1, de 29 de janeiro de 2018).



FICHA TÉCNICA

CONHEÇA A EQUIPE

PROJETO JUVENTUDES E SAÚDE LGBTQIAPN+ EM ALAGOAS

COORDENAÇÃO

JACQUELINE DE MELO E SILVA

MOBILIZAÇÃO

JOSÉ CLAUDIO FERREIRA DOS SANTOS

PROFESSOR-ORIENTADOR

ELIAS VERAS (GEPHGS/UFAL)

JOVENS-PESQUIDADES/AS

PAULO ARAÚJO, HARMIE SILVA, JULLY ANA E STELLA IRIS
(GEPHGS/UFAL)

COORDENAÇÃO DE COOPERAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA FIOCRUZ

LEONÍDIO MADUREIRA SOUSA

AGENDA JOVEM FIOCRUZ (AJF)

LUCIANE FERRARETO

ANDRÉ SOBRINHO



COOPERAÇÃO SOCIAL/FIOCRUZ

A Coordenação de Cooperação Social é o órgão da Presidência da Fiocruz que assume o compromisso de interagir com organizações da sociedade civil, movimentos sociais e o poder público para desenvolvimento de estratégias e programas que contribuam no enfrentamento e redução das desigualdades e iniquidades sociais em saúde.

AGENDA JOVEM FIOCRUZ (AJF)

A Agenda Jovem está vinculada a Presidência da Fiocruz e tem o suporte institucional da Coordenação de Cooperação Social. Como uma proposta de plataforma colaborativa, conta com representações das unidades da Fundação em Grupos de Trabalho nas áreas de Pesquisa, Educação e Ações Territorializadas. Em colaboração com organizações da sociedade civil e movimentos sociais, a Agenda Jovem promove projetos, ações e debates sobre Políticas Públicas de Juventude com enfoque na saúde, sob o prisma do Estatuto da Juventude.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HISTÓRIA, GÊNERO E SEXUALIDADE (GEPHGS)

Criado em março de 2018, vinculado ao CNPq, o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS) faz parte do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões, Maceió (AL). Dentre os objetivos do grupo estão: possibilitar discussões sobre gênero e sexualidade, que sirvam como ferramentas de pesquisa, ensino e extensão; promover estudos e pesquisas em torno do gênero e da sexualidade como categorias de análises interseccionais; Produzir uma história LGBTQIAPN+.

FICHA TÉCNICA

DA CARTILHA

CARTILHA DAS JUVENTUDES E SAÚDE LGBTQIAPN+ EM ALAGOAS

ORGANIZAÇÃO

ELIAS VERAS

JACQUELINE DE MELO E SILVA

JOSÉ CLAUDIO FERREIRA DOS SANTOS

CONCEPÇÃO, PESQUISA E TEXTO

ELIAS VERAS, JACQUELINE DE MELO E SILVA, PAULO ARAÚJO, HARMIE SILVA, JULLY ANA E STELLA IRIS

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

PAULO ARAÚJO

FOTOS

PAULO ARAÚJO, LUCAS OLIVEIRA

REVISÃO DE CONTEÚDO

LEONÍDIO MADUREIRA SOUSA

LUCIANE FERRARETO

ANDRÉ SOBRINHO

ERIC ANDRIOLO

AGRADECIMENTOS

JOSEALDO TONHOLO (REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

POLIANA FERNANDES

NADJA ANDRADE

SALETE BERNARDO

JOÃO AURELIANO E ANDRÉ CERQUEIRA

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER E DOS DIREITOS HUMANOS DE ALAGOAS (SEMUDH)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA SAÚDE, PREVIDÊNCIA, SEGURO SOCIAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SINDPREV AL

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W., & BRANCO, P. P. M. (org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, H.W. Jovens na pandemia: muitas dores e o direito de dizer não. In: SILVA SOBRINHO, A. L. D., ABRAMO, H. W., & VILLI, M. D. C. Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.
- ALMEIDA, Ma. Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.) Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BITTENCOURT, J. B. M.. Juventudes Contemporâneas: desafios e expectativas em transformação. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.
- BRASIL, Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013. Dispõe sobre o Estatuto da Juventudes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 05 ago.2013.
- BRASIL. Estatuto da Juventude (2013): atos internacionais e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições técnicas, 2013. 103 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Brasília, 2009.
- BRASIL. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.
- BRASIL, Ministério da Saúde (MS)/Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: MS; 2004.
- BUTLER, J..Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- Caderno juventudes / [pesquisa e produção textual André Sobrinho...[et al.] ; coordenação editorial Priscila Pereira]. -- Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2017;
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima. Violência e Saúde na Vida de Pessoas LGBTI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

REFERÊNCIAS

CIASCA, S. V.; HERCOWITZ, A.; LOPES-JUNIOR, A. Saúde LGBTQIA+: Práticas de cuidado transdisciplinar. Santana de Parnaíba: Manole, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP nº 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 1, DE 29 DE JANEIRO DE 2018. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>

FREITAS, M. V. D., & PAPA, F. D. C. (org.). Políticas públicas: juventudes em pauta. São Paulo: Cortez, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde: Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf> Acesso em 25 out 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MARTINS, Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias Ferreira (org.).Corpos em aliança : diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade. Curitiba: Appris, 2020.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. Transfeminismo . São Paulo: Jandaíra, 2021.

PINHEIRO, Diógenes; RIBEIRO, Eliane (orgs) Agenda Juventude Brasil: Leituras sobre uma década de mudanças – Rio de Janeiro, UNIRIO 2016.

SILVA SOBRINHO, A. L. ; ABRAMO, H. W.; VILLI, M. D. C. Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022, 390 p.

SILVA SOBRINHO, A. L.; SOUZA, E. R.; NASCIMENTO, M. A.; MONTEIRO, S. S.; COUTINHO, T.; SILVA, A. D. Estado do conhecimento da produção científica da Fiocruz sobre juventudes e saúde - 2006 a 2016. Rio de Janeiro: Cooperação Social da Fiocruz, 2020.

REFERÊNCIAS

SPIZZIRRI, G., EUFRÁSIO, R.Á., ABDO, C.H.N. et al. Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. *Sci Rep* 12, 11176 (2022). <https://doi.org/10.1038/s41598-022-15103-y>

SOUZA, Dediane. "Dando o nome": Eu e Dandara na construção de narrativas de humanidades de travestis em Fortaleza-CE a partir de um recorte do Jornal O povo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós- Graduação em Antropologia, Centro de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

Tribuna Hoje. Levantamento mostra que Maceió registrou mais de 7.500 casos de violência contra pessoas LGBTQIA+ em 6 meses. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2023/06/27/122573-levantamento-mostra-que-maceio-registrou-mais-de-7500-casos-de-violencia-contra-pessoas-lgbtqia-em-6-meses>. Acesso em: 26 fev. 2024.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.



PORTAL.FIOCRUZ.BR
UFAL.BR



AJF
AGENDA JOVEM FIOCRUZ



GEPHGS

Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade